



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1160

“SELVA TRÁGICA” E “DE GALPÃO EM GALPÃO” O DISCURSO LITERÁRIO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Leandro Baller

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

RESUMO: O sul do antigo Mato Grosso foi entre o final do século XIX e início do XX um ambiente ocupado por grande contingente de estrangeiros, em especial paraguaios que eram experientes na lida da erva-mate. O objetivo da comunicação é discutir fragmentos dos livros “Selva Trágica” de Hernâni Donato (1959), e “De Galpão em Galpão” de Hélio Serejo (1962), entendendo como a construção discursiva no interior deles contribuiu para a percepção da formação da identidade regional na porção sul do Mato Grosso nas primeiras décadas do século XX (1910-1930), atentando, nesse momento especialmente ao ciclo dos trabalhadores dos ervais no que atualmente se conhece como o Conesul de Mato Grosso do Sul. A discussão ocorre a partir de recortes aleatórios de crônicas e contos de ambos os livros, e é permeada pela experiência histórica desse contexto, assim procura-se compreender como os grupos, às vezes semelhantes, e às vezes diferentes entre si, se unem, e formam aspectos culturais que fomentam uma comunidade. Os discursos não perpassam necessariamente como objetivos específicos, expostos e supostos por Donato e Serejo para a construção da identidade, o debate é uma análise comparativa entre os dois autores para mostrar as representações da vida nos ervais, presentes nos discursos de ambos, exclusivamente nestes dois livros, o que não pode ser generalizado para a obra completa dos autores. As fontes são os livros “Selva Trágica” e “De Galpão em Galpão”, e metodologicamente, a base de análise é pautada na *ordem do discurso*.

Palavras chaves: Discurso, Identidade, Literatura, Historia Regional

INTRODUÇÃO

O conesul matogrossense ou Sul de Mato Grosso, corresponde à uma área de 12.733,00 Km², é composto pelos municípios de Eldorado, Iguatemi, Itaquiraí, Japorã, Mundo Novo, Naviraí, Sete Quedas e Tacuru. Acrescentou-se também o município de Ponta Porã, pois aparece em inúmeras crônicas literárias. Temporalmente a análise se dá entre os anos 1910 e 1930, pautada em obras escritas em 1959 e 1962. No caso de Serejo e Donato a percepção discursiva de identidade regional possui como base a vivência dos ervateiros e seus costumes adquiridos por mudanças culturais, especialmente com os povos vindos do Paraguai

durante o período de extração *in natura* da erva mate. Esta história pode ser compreendida como o estudo reflexivo e a captação das relações que surgem entre grupos humanos nas diferentes épocas e locais.

Selva Trágica de Hernâni Donato conta a história dos ervateiros que eram explorados pela empresa Mate Laranjeira, resultando em determinados momentos na fuga dos trabalhadores e em conflitos contra os patrões. Seu recorte temporal está delimitado entre meados de 1920 e 1930. Donato cria sua obra abrangendo várias temáticas que se relacionam com a vida nos ervais e, a partir de então, pode-se perceber um discurso vivo para a construção da identidade regional que se forma na relação do homem com o homem e com a terra. Há um cruzamento entre a literatura e a história, criando uma mescla de elementos de ficção e elementos não ficcionais. Já no título da obra, *Selva Trágica*, o autor torna nítida sua intenção, ou seja, demonstrar ao leitor a relação dos trabalhadores com a erva mate e toda a complexidade vivenciada pelos mesmos durante o trabalho nos ervais. O objetivo principal é mostrar ao leitor o lado sombrio dos ervais, demonstrando que: “Quem não sabe destas coisas pensa que a erva mate é colhida nos jardins” (DONATO, 1959, p. 47).

De Galpão em Galpão de Hélio Serejo é formado por um conjunto de crônicas folclóricas que fazem a descrição dos personagens e do espaço regional do sul de Mato Grosso. A análise revela que a composição de todas as crônicas forma um discurso identitário que mostra os costumes e o caráter dos ervateiros. A ideia principal explorada é o trabalhador dos ervais como formador do tipo sul matogrossense, em que, estes valores sociais possuem a sua gênese na época em que a erva mate era o produto principal da região. Serejo descreve em sua obra o homem, os animais e o ambiente, colocando em seu texto o que presenciou enquanto acompanhava os ervateiros em busca das minas. Na obra, o leitor é transportado para um período da história em que o homem travava uma luta diária entre o trabalho e o ambiente rústico ao qual pertencia.

Ambos os livros introduzem o leitor nos costumes, tradições e na complexidade de um ambiente, que contribuiu para o enriquecimento desta região e fomenta pesquisas até a atualidade. As obras deixam traços, em que os narradores enlaçam a história científica e a narrativa literária. De um lado, há marcas históricas que lhes aproximam dos fatos, não obstante, a trama envolve toda a obra, criando

um clima harmônico para que o leitor seja introduzido no contexto que a obra os reportará, ou seja, o contexto da exploração do mate. A formação da identidade não pode ser compreendida somente com a leitura das obras, mas sim, com a proximidade entre elas e as teorias sobre a formação da identidade. Para tanto, há o reconhecimento do indivíduo mediante ao encontro com o outro e da formação de grupos sociais por meio desta diferença com alguém, que é externo a ele. No final de século XIX e durante quatro décadas do século XX, a erva mate foi uma das principais atividades econômicas desenvolvidas na região Sul do Mato Grosso. Durante este período, as atividades de exploração, beneficiamento e exportação eram em grande medida submetidas à empresa Mate Laranjeira que dominava a extração nos ervais da região. Neste momento a questão teórica é superada pela inserção mais efetiva da fonte enquanto elemento direcionador desse texto, por outro lado reconhece-se toda a expressão do diálogo profícuo entre História e Literatura para o embasamento do mesmo.

LITERATURA: EXPRESSÃO DISCURSIVA E A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

A identidade é forjada na ação entre o indivíduo e a sociedade, para compreender esse processo de construção, os autores captam em seus livros, traços de uma cultura em formação ou que está em processo de ressignificação, a qual, em seu tempo, acaba passando despercebida, porém, chega determinado período em que estes livros servem para uma análise dos traços identitários de um povo. Serejo e Donato conseguem em suas obras demarcar conceitos da identidade regional em formação presentes na lida ervateira.

Donato não mostra o mundo ervateiro oficial, demonstra que é dura a vida dos ervateiros em meio ao rigor imposto pela empresa Mate Laranjeira. *De Galpão em Galpão* destaca o gosto que o ervateiro tinha em mudar de acampamento. A cada passo dado a esperança se renovava, isto expressa a dificuldade enfrentada cotidianamente pelos ervateiros, a cada mudança uma expectativa de melhora surgia. As duas obras mostram o trabalhador agindo de forma linear, o cotidiano é um meio de análise para a história não oficial dos discursos sobre o regional. No fundamento da identidade regional estavam os ervateiros, formados principalmente por paraguaios descendentes de índios e brancos, mas também migrantes gaúchos, nordestinos, paranaenses e paulistas a fim de trabalhar nos ervais. Esses homens e mulheres formavam a grande força de trabalho que buscava no lucro retirado do

serviço nos ervais a tentativa de uma vida melhor. Nas obras, o vocabulário dos literatos é rico em expressões paraguaias e guaranis, que ao se fundir com a língua portuguesa, faz nascer o vocabulário dos ervais que tanto Serejo quanto Donato exploraram vivamente em suas obras.

Serejo por diversas vezes deixa claro esta aproximação das pessoas que viviam nos ervais com a cultura paraguaia e guarani. Esta união evidencia-se tanto em sua narrativa quando nos diálogos. “[...] acima um pouco, o *barbaquá* com seus aspecto de caranguejo morto pelo fogo, e para completar o conjunto grotesco, o caramanchão de piso batido, para se *bailar con la musiqueada* crioula” (SEREJO, 1962, p. 36-37).

Esta relação de culturas, esta fronteira cultural estava próxima da figura do paraguaio. Isto pode ser percebido, no vocabulário dos ervais, que é a combinação da cultura paraguaia e guarani com a cultura dos brasileiros, formando assim traços de uma identidade que posteriormente seria a base identitária do sul do Mato Grosso. Portanto, a linguagem nestas obras é a principal marca de uma identidade mista, isto é, a cultura paraguaia fundida com a cultura brasileira. Dentre suas crônicas, em a *Ranchada Ervateira*, Serejo expõe o discurso que mostra algumas marcas da identidade.

O homem estoico, arrieiro “chasqueador”, vencendo as endemias, lutando contra o meio adverso, furou o sertão agressivo, e levantou-a, atabalhoadamente ali naquele ermo terrificante; e dessa ranchada, povoação ervateira, aglomerada de homens rudes, nasceu a caminhada lendária, para o povoamento da terra virgem (SEREJO, 1962, p. 37).

Estes homens que sobreviveram às doenças como maleitas, a exploração dos padrões, e a viver em estado de miséria e pobreza são considerados os povoadores, os conquistadores do sertão. Eles formam estes grupos, os quais dão início a “caminhada lendária”, que determinara o caráter do indivíduo do sul de Mato Grosso. Nesta mesma crônica, a fonte destaca que as *ranchadas*, mesmo sendo o lugar em que o homem foi escravizado, foram necessárias para o domínio da terra pelos habitantes, novamente ele exalta o homem ervateiro que vivia nas ranchadas, como o povoador, o dominador das terras inóspitas.

Você, ranchada ervateira, pode representar uma época em que o homem era escravo do homem [...]. No entanto, tudo passara sobre a terra, mas você deselegante ranchada ervateira ficará [...], ficará para

dizer às gerações vindouras, que foi com a sua ajuda que se abriu, no sertão, a rota para o domínio do solo palmilhado pelo íncola e pelas feras traiçoeiras (SEREJO, 1962, p. 37).

As narrativas dos fatos sendo tendenciosas e buscando em alguns momentos demonstrar o lado mais cruel da difícil luta dos ervateiros, podem-se encontrar fragmentos que levam ao entendimento que; mesmo o homem sido escravo de outro homem, as ranchadas foram necessárias, pois, a partir desta vida ervateira que o desbravamento do Sul do Mato Grosso foi iniciado e a construção dessa identidade se apresenta.

O tempo no qual é escrito as obras de Hélio Serejo e Hernani Donato está correlacionado com as ideias que germinam em meio a movimentos sociais e políticas de uma região. Contudo, associando acontecimentos reais com o romantismo literário, os autores criam suas obras, dando assim um romantismo ficcional ao fato ocorrido. É inegável a alma poética de Serejo e Donato. Em *De Galpão em Galpão*, a obra é escrita em prosa, o autor esbanja aspectos poéticos. Sua prosa regionalista é expressiva nas palavras. O narrador é onisciente ao descrever as alegrias e tristezas dos povos que habitavam aqueles sertões. Ele descreve-se como um personagem presente na história que relata.

Donato por sua vez relata a dificuldade encontrada por pessoas a mando da empresa em conseguir mão de obra para a extração *in natura* da erva mate. Na fonte nota-se o seguinte diálogo.

Patrón? Não me serve mais êste trabalho! Maldita hora em que recebi sua encomenda! Sabe, não há mais homens para aconchavar! Vê? Êsses são quase meninos! Não faz muito que estão galados, não senhor! E tive que buscá-los naquele inferno de Sangapuitã. Nem sei quantos quilômetros para lá da fronteira! Outros se enfurnaram até Naranja Dulce. O Mate acabou com todos os homens dêste canto do Paraguai (DONATO, 1959, p. 176).

Donato ainda transcreve como era feito o conchavo, que mesmo sendo um método rústico, ainda era certamente vantajoso para a empresa.

Pois o aconchavador aparecera perguntando quem, dos pobres da vila, faria gôsto em passar vida de rico em ficar rico. [...] Que patrão ali na terra dêles podia fazer como êle aconchavador fazia em nome da Companhia “Mate Laranjeira”; dar um bom dinheiro adiantado só para o peão ir ver como seriam as coisas. Fôssem com êle, logo à noite, para um divertimento debochado, sem freio, na melhor bailanta fronteira e vissem como era bonito e rico o portão dos ervais! (DONATO, 1959, p. 177-178).

O autor prossegue mostrando o momento apropriado para conseguir a mão de obra desejada.

Quando amanhece, as carretas são trazidas para a porta. Os *aconchavados* estão bêbados [...]. Num de repente tudo muda. Vem o patrão que já não ri nem oferece coisa alguma, e lhes grita que gastaram demais, beberam demais e abusaram das mulheres que além de bêbados e farristas eles quebraram tanto e devem tanto. [...] Diz que assinem logo a caderneta de trabalho, recebam e paguem ao patrão. [...] Os inconscientes são empilhados [...] e a carreta sobe o caminho e toca para o tapê-guaçu. (DONATO, 1959, p. 178-179)

Percebe-se a forma pela qual se dava a angariação da mão de obra para os ervais, a armadilha aos futuros peões ervateiros. Contudo, nem todos os novos peões ervateiros eram obtidos através do conchavo, mas é evidente que em sua maioria, os trabalhadores iam buscar um local onde pudessem acumular riquezas, ou em outras palavras, o sonho da mudança de vida. E tudo isso reunido, tanto a conchavo quanto a vontade de enriquecer espontaneamente, foram trazendo pessoas novas, costumes diferentes, formando assim características variadas do tipo sul mato grossense.

Serejo, por ter sido um trabalhador dos ervais e ali ter executado varias funções pôde presenciar as marcas que a cultura paraguaia/guarani tivera na formação da sociedade sul de mato grosso. “Vivemos a vida ervateira, por dez longos anos. Fomos de tudo um pouco: desde *encargado de la comisaria*, até condutor de *arrias*¹”. Serejo diz que:

[...] uma ranchada ervateira é um celeiro folclórico [...] Sentimos folclore vibrante nas rodas de tereré, onde a conversação surge sempre diferente, entremeada de chistes invariavelmente pornográficas, e ditos nascidos no mundo abrutalhado dos ervais. Num mundo em que a própria natureza bravia ajudou a criar o brutal, o hilariante, o extravagante, o inimaginável, o confuso e até mesmo o ridículo (SEREJO, 1962, p. 41).

As festas, a religião, os mitos e o meio ambiente da região também são pontos importantes de ser mencionados, estando presente dentro do mundo dos ervais penetrando na vida dos ervateiros. Na maioria das crônicas de Serejo é possível perceber o narrador se utilizando da palavra “sertão” para designar o meio em que viviam. O narrador descreve detalhadamente os ambientes e pessoas, o que revela maior movimento de suas cenas, como por exemplo, as festas juninas, que

¹ Animais (mulas, burros e cavalos) empregados no transporte. (SEREJO, 1962, p. 42).

são detalhadas pelo autor em uma de suas crônicas, colocando com a brevidade de seus parágrafos, uma exposição do que seria a festa de São João. Serejo descreve:

Mês de junho. Fogueira grande. Assado no espeto. Foguete de rabo. Busca-pé. Bombinhas. Batata assada. Cachaça com mel. Toque de sanfona. Gemido de viola. Ganir de cães. Briga de guri. Gracejo de velho metido. Doce de leite. Pipoca arrebetando na panela [...] (SEREJO, 1962, p. 16).

Serejo relata que os dias de São João, São Pedro e Santo Antônio, apresentavam-se como expressões de religiosidade e esses feriados obrigatoriamente faziam parte,

[...] da vivência ervateira, porém, o trabalho não sofre qualquer espécie de alteração. Como em toda ranchada ervateira existe sempre um 'juan', o São João tem a sua comemoraçãozinha através de uma fogueira, acesa na hora do alimento principal do dia: o jantar (SEREJO, 1962, p. 43).

Percebe-se que há a criação de campos simbólicos que vão sendo gerados a partir da vivência de pessoas contidas em seus grupos sociais. O simbolismo torna possível a aproximação de pessoas, formando assim, grupos sociais. Ainda no âmbito religioso, a festa mais importante e aguardada pelos ervateiros era a Semana Santa, sendo a mesma o ponto mais alto de todas as festas. Ao analisar estes dias que antecederiam a Páscoa, pode-se compreender como a erva mate não era somente responsável pelo ir e vir da mão de obra, mas dava o caráter simbólico às pessoas que ali moravam e além de ser um produto, marcava também uma hierarquia dentro da própria *ranchada*.

Um personagem interessante a ser analisado é o *uru* - aquele que trabalha a erva no barbaquá - sendo sua característica identitária formada pela erva.

Isso dizia com o orgulho do aprendiz que compromete a alegria e a saúde para um dia chegar a ser *uru*! Ser chamado *señor* em festas e *bailantas*, passar de cabeça erguida diante dos capatazes, receber no rosto a inveja dos *mineiros* e dos *peões*" (DONATO, 1959, p. 39).

Porém, ao chegar a Semana Santa, o *uru* deixava de ser o rei do erval para se tornar alguém comum, ou seja, sem a erva como "empunhadura identitária" o nome *uru* deixa de existir. Situação momentânea a qual ele dizia; "daqui a sete dias sou de novo o *uru* e você o meu *huayno*"². Donato expressa também que a vida do

² Menino, ajudante, aprendiz do *uru* (DONATO, 1959, p. 145).

uru não se desligava do mate, quando a partir do momento em que a erva saia do *Barbaquá*, mas que a marca identitária que a erva deixava neste personagem era levada além erval.

Quando alguém bebe da erva por êsse mundaréu esborcinado de acima de abaixo, o que bebe de fato é o sangue do uru, o suor do uru. Se é boa erva dizem que Deus foi bom em fazer crescer as árvores. Se é ruim a bebida, xingam o uru e a mãe do uru e a avó do uru, jurando que êle estragou a melhor erva já criada pelo bom Deus (DONATO, 1959, p. 103).

Outro exemplo é o Curê o qual tem a Semana Santa como um ponto alto de suas aflições, pois com a quebra do ciclo do cultivo durante a semana santa, o Curê³ deixava de existir. “A Semana Santa era o ponto alto da sua aflição. Assim que se começava a falar nela principiava a desejar que passasse rapidamente. Não havia nada de nada para êle” (DONATO, 1959, p. 141). Portanto, a erva mate, neste ponto se tornou além de um produto motivador, para ser também um classificador, atribuindo hierarquicamente definições para os povos que ali eram utilizados para seu cultivo.

[...] incapaz de viver dois dias sem gritar ordens, sem perceber que dezenas de homens e mulheres dependiam dele [...]. Não tendo com quem gritar ordens, sofria [...] até o fim da Semana quando os tivesse de volta para ouvir seus gritos e cumprir suas ordens (DONATO, 1959, p. 152).

Os mitos também se faziam presentes dentro do contexto das ranchadas. Em “*O Caipora*”, Serejo descreve uma das figuras folclóricas que mais chamavam atenção naquela época, por ser uma criatura que apavorava os trabalhadores. De aspecto amedrontador, ele tinha o poder de comandar os fenômenos da natureza e estragar as festas. Segundo a crença popular, para espantar o Caipora, os moradores do lugar deveriam fazer simpatias ou consultar benzedores do lugar. Serejo demonstra a crença dos mitos com a natureza, tendo essa criatura o poder de fazer chover para destruir pontes e inundar estradas onde sua vítima iria passar; ele também ficava nas encruzilhadas e em forma de vento forte assustava os que passavam. O mito do caipora, até hoje, faz parte do folclore popular, mesmo tendo sua forma física mudada conforme a região que ele é abordado.

Ele é filho da terra! Enquanto houver num capoeirão, uma tiguera ou

³ Encarregado de representar a empresa Mate Laranjeira em seus ervais.

restos de mato o caipora subsistirá, porque até nas encruzilhadas limpas ele aparece, se transforma em vento ou numa macega e fica tocaiando o viandante para logo em seguida provocar o barulhão, espantar o cavalo, e guinchar, desabridamente, na sua verdadeira e horripilante forma física [...] (SEREJO, 1962, p. 39).

Neste caso o que entra em questão é, em primeiro lugar o folclore, e em segundo, a crença popular de que simpatias e benzimentos podiam dar fim a essa lenda. Reafirma-se aqui que a “ranchada ervateira é um celeiro folclórico” (SEREJO, 1962, p. 41), demonstrando assim o quanto a erva mate contribuiu para a formação da identidade do Sul do Mato Grosso, incluindo o inconsciente das pessoas, ou mesmo o mundo imaginário que se fazia ao redor dos trabalhadores.

Donato transcreve em sua obra, trechos de acontecimentos históricos embebidos em um romance, na qual o autor objetiva “dar visibilidade a fatos desconhecidos pelo grande público, e não abordados pela história oficial” (MARIN, 2001, p. 170). Esta abordagem é interessante de ser percebida, pois Donato escolhe aspectos sombrios e dispares, valorizando assim o trágico dos ervais, e principalmente os domínios da Mate Laranjeira. Donato diz que.

O rapaz voltou-se, arriscando o argumento final: – Pois é disse que tenho receio. Da política da terra não me interessa. Vim falar com seus amigos. Disseram o que pensavam e ouviram o que disse. Agora gostaria de ouvir o que diz a Companhia. Afinal, muito do que há de bom neste sul de Mato Grosso foi ela quem fez. Você diz que não? – Pois olhe, eu digo que sim, que foi ela que fez. Mas fez com o sangue, o couro de muitos de nós, gente de trabalho (DONATO, 1959, p. 46).

Neste trecho, Donato transcreve o discurso entre Luizão, um mineiro da ranchada, e um jovem repórter o qual posteriormente seria morto por “bisbilhotar” a vida dos ervateiros e principalmente os domínios da Companhia. Desapegando-se da morte, pode-se notar a contradição que o autor, buscando o lado mais cruel dos ervais, demonstra quando contrapõe dois fatores importantes: o primeiro, diz respeito ao “do que há de bom neste sul do Mato Grosso”, sendo este um dado interessante, pois ao que parece a Companhia auxiliou no desbravamento e desenvolvimento do espaço, contudo, este acontecimento desencadeou na morte e na exploração de muitos homens ou como diz o literato “gente de trabalho”. Donato, portanto, não se cega ao fato da benignidade da Companhia, leva ao leitor o lado sombrio, impregnando assim toda sua obra com sua tomada de posição, este

romance contemporâneo esta impregnado de história.

Em suas crônicas, Serejo têm em foco a figura do homem sendo conduzido pelo contexto ervateiro, não deixando que o leitor se esqueça de que todos os textos de seu livro *De Galpão em Galpão*, são baseados na história de vida dos povos dos ervais, dando assim exemplos da forma como os escritores foram capazes de registrar flagrantes de um tempo histórico que está na origem da identidade, a qual está inclusa na forma de vida desse povo, cujo discurso é criado nas diferenças pessoais, regionais, religiosas, sendo unidas para dar o caráter de identidade do Sul de Mato Grosso. Os textos de Serejo e Donato possuem muitas proximidades com os textos dos historiadores e pesquisadores que, de um lado, buscam e se aproximam da realidade de um fato, demonstrando verdades vivenciadas pelos ervateiros, ou por outro lado, a literatura que se reveste com um tom conotativo, que faz o leitor transportar-se para a origem desse movimento.

Quando se trata do mate contido na literatura, o tereré é um dos bons exemplos de como a cultura paraguaia está presente na região do atual sul de Mato Grosso do Sul. O tereré, por ser uma bebida refrescante que ajuda no combate ao calor e um estimulante natural que contribui para aliviar o cansaço. O tereré está presente nas primeiras horas do dia dos ervateiros.

O dia do mineiro [...] começa no meio da noite, às três e trinta. A mata, os bichos, os caminhos, as aves dormem ainda e o mineiro estremece. Cansado da véspera e das muitas vésperas trabalhadas. Prepara o tereré, enrola nos pés e nas pernas a *plantilha*⁴, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados da comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha na *caatim* (DONATO, 1959, p. 21).

Além de estar presente na vida dos mineiros, o mate assume aspecto simbólico no sentido de unir as pessoas e contribuir para a interação social. Donato transcreve em sua obra vários momentos em que a roda de tereré e do chimarrão contribuem para esse acontecimento. Um destes momentos se deu em meio a Semana Santa. “Correu o tereré e rodou o chimarrão, andaram acertando carreiras, brigas de galo e partidas de bacará” (DONATO, 1959, p. 130). Este trecho demonstra um pouco do convívio entre os mineiros, tendo o chimarrão e o tereré como precursor para uma boa conversa. Serejo também faz outro relato “A roda se

⁴ Sapatão do mineiro em trabalho. (DONATO, 1959, p. 240).

formará naturalmente. Surge o chimarrão. Os viciados ficam alheios a tudo. Sorvem-no aos goles, gargalhando, num potoqueiro desabrido” (SEREJO, 1962, p. 17).

Ao se criar um cruzamento entre os relatos dos autores e os acontecimentos presentes neles, percebe-se que a roda de tereré e a do chimarrão são momentos que além do “tomar o mate” são também momentos de fortalecimento das relações sociais, atuando na manutenção da identidade, mesmo que simbolicamente.

Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribuiu fundamentalmente para a reprodução da ordem social; a integração lógica é a condição de integração moral (BOURDIEU, 2007, p. 10).

Ao focar a questão do simbolismo, põe-se em evidência, como diz Bourdieu, a “integração social”, ou seja, quando se tratou de dar conta da construção de grupos sociais e a criação de uma identidade, logo se percebeu que a formação de tais grupos se dava pelo comum, ou em outras palavras, pessoas que se identificavam, se uniam, criando assim uma identidade grupal. A erva mate foi motivadora da incorporação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Selva trágica e *De Galpão em Galpão*, compreendidas como obras híbridas, dão o entendimento de uma construção literária e historiográfica, demonstrando costumes de uma época, entrecruzando elementos ficcionais com os não ficcionais. Donato e Serejo, através do imaginário e da realidade, demonstram a identidade em formação, contudo, a identidade só pode ser compreendida porque os autores não frisam somente o estético ou apenas o lado trágico, mas registram fatos que se aproximam da realidade, dando assim, ao leitor dados para uma reflexão de uma história não oficial, e sim de produção de diferentes sociabilidades. A literatura sob a perspectiva da nova historiografia produz uma escrita da história mais rica de interpretações. Consequentemente, a partir das observações e da leitura das fontes, a identidade é interpretada como um processo e não um fim, a literatura consegue escriturar estas “pilastras” dos momentos históricos, nas quais o homem define a maneira de ser em relação ao meio e a sociedade onde vive.

Outro ponto importante é a história regional, a qual quando devidamente trabalhada, se torna um campo rico para o historiador com o entendimento das peculiaridades que ficariam ignoradas se não tomadas como partes de um todo, ou

seja, a partir desta perspectiva, o peculiar se torna parte de uma história em formação, tão peculiar quanto a presença de paraguaios em terras brasileiras.

Donato, com a “linguagem dos ervais”, coloca em seu texto essas várias características paraguaias/guarani e brasileiras presente na mistura dos idiomas. Porém, não somente na linguagem se percebe isso, as festas, a religiosidade, os costumes e o folclore são marcas que permanecem até os dias atuais, demonstrando que a identidade não deve ser confundida com identificação, pois a mesma não é sólida, e os aspectos culturais denotados no decorrer do estudo são relevantes para situar o leitor e também levar a compreensão regional da população que permeia esses locais, ou seja, compreender a ordem discursiva das obras em função da construção de traços de uma população, não significa compreender os caracteres identitários de um povo.

Compreende-se que a identidade formada no Sul do Mato Grosso do Sul se deu e se dá pela mescla de cultura brasileira e paraguaia. O paraguaio introduziu na sociedade várias marcas culturais percebidas na música, na linguagem, no folclore e em hábitos como tomar tereré, o chimarrão e o biotipo físico. O paraguaio foi um componente de importância para o desbravamento desta terra, em que, mesmo saindo de outras terras e se fixando em lugares que para alguns seriam suas últimas terras, o espaço aqui analisado tem características paraguaias, e isso é um aspecto intrínseco da análise proposta para a compreensão dos fatores identitários, sempre considerando a fonte, o conteúdo e a amplo diálogo possível na área.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 8ª edição. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.

MARIN, Jerri Roberto. Limiares entre História e Literatura em Selva Trágica, de Hernani Donato. In: SANTOS, Paulo S. N. *Literatura comparada: Interfaces e Transições*. Campo Grande. UCDB/UFMS, 2001.

FONTES

DONATO, Hernâni. *Selva Trágica: a gesta ervateira no suldoestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.

SEREJO, Hélio. *De Galpão em Galpão: crônica folclóricas*. Curitiba: Requião, 1962.